

EDUCAÇÃO, OBJETIFICAÇÃO DO CORPO E A PERPETUAÇÃO DA OPRESSÃO: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DE MERLEAU-PONTY E ENRIQUE DUSSEL

Ligia Lopes Rueda Kocian ¹
Carlos Roberto da Silveira ²

RESUMO

É através do "corpo próprio" que relacionamos com o mundo e pelas nossas experiências buscamos compreendê-lo. No entanto, objetificar o corpo pela anatomia e fisiologia das ciências, bem como, os padrões estéticos para o mercado é fragmentá-lo e reduzir sua complexidade. Isso não apenas nega a individualidade e a subjetividade pessoal, mas também perpetua as estruturas de poder e opressão, ao reforçar normas sociais e hierarquias baseadas em características físicas. O artigo tem como objetivo discutir a educação sobre "corpo próprio" e a reprodução de um modelo de corpo objetificado nos cursos superiores de Educação Física, bem como, seu papel na perpetuação das estruturas de opressão, a partir da perspectiva de Maurice Merleau-Ponty, adentrando as teorias de Enrique Dussel sobre a dualidade corpo-alma. A pesquisa faz parte de tese de doutorado em andamento na Educação, possui abordagem qualitativa, reflexiva e filosófica, com aportes teóricos dos dois filósofos, em especial. Por resultados *a priori*, sabemos que a ontologia possui raízes na Antiguidade grega, na Paidéia e se estendem pelo contemporâneo. No entanto, carecem reformulações, pois a alma não pode ser entendida de forma isolada do corpo, pois é através do corpo que experienciamos o mundo e nos relacionamos com os outros. Da mesma forma, o corpo não é apenas um receptáculo para a alma, inseparável dela, uma vez que é através das experiências corporais que a alma se manifesta e desenvolve. Assim, faz-se necessário uma abordagem mais integrada da pessoa humana, que reconheça a importância do aspecto corpo e alma, levando em consideração as dimensões corporais, sociais, políticas e históricas da existência humana, enfatizando a necessidade de reconhecer e valorizar a "corporeidade humana" como parte essencial da experiência humana, e de promover uma transformação social que leve em consideração as necessidades e aspirações do "corpo próprio" como um todo.

Palavras-chave: ONTOLOGIA, CORPOREIDADE, CORPO PRÓPRIO, FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO.

¹Estudante de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação: Doutorado - Universidade São Francisco - USF, ligia.kocian@usf.mail.edu.br;

² Professor Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco - USF, carlos.silveira@usf.edu.br;

INTRODUÇÃO

O corpo é percebido e construído simbolicamente em diferentes contextos sociais e culturais e o significado que atribuímos ao corpo emerge de nossa interação no mundo, nos levando a pensar que esse não deve ser visto apenas como um objeto manipulável e como uma entidade isolada, mas sim como parte integrante de um sistema simbólico que sustenta a ordem social (Fensterseifer, 2009).

O corpo na contemporaneidade, não mais se limita à dicotomia entre matéria física e uma parte abstrata representada pela alma. Em vez disso, ele se fragmenta internamente, dividindo-se em membros individuais que adquirem significados próprios. O físico agora se desintegra em músculos, glúteos, coxas, seios, boca, olhos, cabelos, órgãos genitais, entre outros (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

Pensar sobre o corpo é ir além de uma estrutura física objetificável, e sim, compreendê-lo como uma via primordial pela qual interagimos com o mundo e compreendemos nossa própria existência. No entanto, nas últimas décadas, temos notado uma objetificação crescente do corpo através da anatomia e fisiologia das ciências, assim como pela imposição de padrões estéticos ditados pelo mercado. Esta abordagem fragmenta e reduz a complexidade do corpo, negando não apenas a individualidade e a subjetividade pessoal, mas também reforçando estruturas de poder e opressão baseadas em normas sociais e hierarquias físicas.

Nos dias atuais, a pressão humana para aderir a padrões estéticos parece desencadear uma crise de imagem, manifestando-se em uma série de sintomas como o aumento no uso de próteses, a criação de cyborg, a clonagem, intervenções em engenharia genética, biologia molecular, novas técnicas cirúrgicas e o uso de substâncias químicas. Desta forma, a indústria da beleza e da saúde tem no corpo seu maior consumidor (Barbosa; Matos; Costa, 2011).

As experiências do corpo são fundamentais para a construção da identidade e da subjetividade. A crise de imagem descrita por Barbosa, Matos e Costa pode ser entendida como um conflito entre a experiência vivida e as expectativas impostas. Para uma reflexão

a cerca da problemática, é importante fazermos um retorno à reflexão sobre o corpo como vivido e autêntico, em vez de apenas um objeto de conformidade estética.

A perspectiva fenomenológica destaca a importância de compreender o corpo como mais do que um objeto a ser consumido ou modificado, mas como um meio essencial de vivência e experiência pessoal.

Maurice Merleau-Ponty em sua obra *Fenomenologia da Percepção*, destaca a importância do “corpo próprio” como a nossa maneira primária de experimentar e compreender o mundo (Merleau-Ponty, 2011). Para Merleau-Ponty, o corpo não é simplesmente um objeto físico, mas a própria condição de nossa existência no mundo. Ele argumenta contra a visão dualista que separa mente e corpo, defendendo que somos seres encarnados cuja experiência subjetiva é inseparável de nossa corporeidade (Merleau-Ponty, 2011).

Contrastando com essa visão, a educação superior, especialmente nos cursos de Educação Física, frequentemente adota uma abordagem objetificadora do corpo. A ênfase excessiva na anatomia, na fisiologia e no desempenho físico pode reduzir os alunos a corpos objetificados, desconsiderando sua subjetividade e reforçando normas de beleza e desempenho que perpetuam desigualdades sociais e estruturas de poder.

Enrique Dussel expande essa discussão ao explorar a relação entre corpo e alma dentro de um contexto ético e político mais amplo. Em suas obras, Dussel argumenta que a objetificação do corpo não apenas limita nossa compreensão da humanidade, mas também serve como um mecanismo de opressão (Dussel, 1980). Para Dussel (1980), a dualidade corpo-alma não deve ser entendida como uma separação, mas como uma unidade na qual a subjetividade e a corporeidade se entrelaçam de maneira inseparável.

Nos cursos de Educação Física, a reprodução dessa objetificação do corpo pode ocorrer de várias formas. Desde a ênfase na medida e quantificação do desempenho físico até a promoção de padrões estéticos irreais, os programas de ensino muitas vezes falham em reconhecer a diversidade de experiências corporais e subjetivas dos alunos. Isso não apenas limita o potencial educacional desses cursos, mas também contribui para a manutenção de estruturas de poder que marginalizam corpos que não se enquadram nos padrões hegemônicos.

Para tanto, a presente pesquisa tem a premissa de entender como a educação superior, particularmente nos cursos de Educação Física, contribui para a objetificação do corpo e, conseqüentemente, para a perpetuação dessas estruturas de opressão. Utilizando como fundamentos teóricos os conceitos de “corpo próprio” de Maurice Merleau-Ponty e a não-dualidade corpo-alma na perspectiva de Enrique Dussel, esta pesquisa busca adentrar as implicações filosóficas e educacionais dessa objetificação.

METODOLOGIA

Este estudo é parte integrante de uma tese de doutorado, que está em andamento no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação, pela Universidade São Francisco (USF), com uma abordagem qualitativa, reflexiva e filosófica, na qual a pesquisa fundamenta-se na análise crítica da literatura relevante, com ênfase nos trabalhos de Maurice Merleau-Ponty e Enrique Dussel, como principais referências teóricas. Merleau-Ponty contribui com a teoria sobre a corporeidade como expressão fundamental da subjetividade humana, enquanto Dussel amplia essa discussão, ao explorar a relação entre corpo e alma, a ontologia, dentro do contexto de opressão estrutural.

O presente estudo é pautado em uma análise qualitativa que, como afirma Turato (2003), caracteriza-se principalmente pela profundidade de análise, a pesquisa de natureza qualitativa se preocupa basicamente com significados, opiniões e representações acerca de determinado fenômeno.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“[...] não há um único sentido a respeito do corpo, e que o sentido que lhe damos emerge de nossa inserção no mundo social, histórico, cultural, enfim, dos muitos sentidos que constituem o mundo que habitamos e do qual estamos “encharcados” (Fensterseifer, 2009, p.142).

A Educação Física tem sido associada ao rendimento esportivo e à perspectiva de tratar o corpo como uma máquina, conforme apontado por Paiva (2019, p.36):

Como uma constatação complementar, é voz corrente que a Educação Física priorizou, durante sua história, o trabalho com o esporte e este centrado no alto rendimento e na ideia de movimentos padronizados a serem executados por um corpo-máquina.

Em outra perspectiva, Descartes fala que a mente é um conceito central no dualismo mente-corpo, também conhecido como dualismo cartesiano. Descartes, propôs que a realidade é dividida em duas substâncias fundamentais: a mente e o corpo. Para ele, a mente é uma substância pensante e imaterial, caracterizada pela capacidade de pensamento, consciência e raciocínio. É a necessidade das experiências subjetivas e das funções cognitivas, como a percepção e desejo. Por outro lado, ele traz que o corpo é uma substância extensa e material, sujeita às leis da física e da mecânica. O dualismo cartesiano afirma que a mente e o corpo interagem, mas são essencialmente diferentes em sua natureza e funcionamento. Enquanto o corpo opera no âmbito da matéria e das interações físicas, a mente opera no domínio do pensamento e da consciência. (Rocha e Barreira, 2022)

A crença na dicotomia entre corpo e mente, que sugere que o exercício físico não contribui para o desenvolvimento mental, tem causado consequências sérias na educação. Desde a educação jesuítica durante a colonização, essa dicotomia levou à eliminação do corpo das práticas pedagógicas escolares (Romão, 2021). Contudo, a Educação Física não deve ser reduzida a simples exercícios, mas sim entendida como uma cultura corporal que permite ao indivíduo refletir sobre suas possibilidades corporais e exercê-las de maneira social e culturalmente significativa (Brasil, 2019).

A formação em Educação Física tem uma relação complexa e multifacetada com o corpo, refletindo tanto nas práticas pedagógicas quanto na compreensão do corpo em contextos sociais e culturais.

Essa formação deve incorporar uma perspectiva crítica sobre como o corpo é tratado na sociedade, para que os profissionais sejam capazes de refletir criticamente sobre como suas práticas impactam a percepção e o tratamento do corpo.

Quando tratamos de corpo, Merleau-Ponty redefine o corpo próprio não apenas como um objeto físico, mas como o sujeito da percepção. Para Merleau-Ponty (2011), o

corpo não é separado da mente, mas é a base da nossa experiência e percepção. A percepção não ocorre de forma abstrata, mas através do corpo que sente, age e se relaciona com o ambiente.

Fensterseifer (2009), analisa como a modernidade trouxe mudanças significativas na forma como o corpo é percebido e tratado. Ele argumenta que, com o advento da modernidade, houve uma transformação na relação entre o corpo e a sociedade, influenciada por avanços tecnológicos, mudanças sociais e novas ideologias.

O autor apresenta em seu texto uma análise profunda e fundamentada sobre como a modernidade tem moldado a percepção e o tratamento do corpo, mostrando como o corpo se tornou um campo de intervenção e controle, refletindo e amplificando as dinâmicas sociais e culturais da modernidade (Fensterseifer, 2009).

A objetificação do corpo na educação não é apenas uma questão técnica, mas está profundamente ligada a normas sociais e culturais que perpetuam a opressão. A educação que reforça padrões estéticos e de desempenho muitas vezes marginaliza aqueles que não se encaixam nesses padrões, exacerbando desigualdades e exclusões. As práticas educacionais que tratam o corpo de forma uniforme e reducionista podem contribuir para a perpetuação de normas que marginalizam e oprimem diferentes grupos sociais.

Na perspectiva de Enrique Dussel, oferece uma crítica relevante para compreender como a objetificação do corpo pode perpetuar a opressão. Em sua abordagem, Dussel (1980) enfatiza a importância do contexto social e histórico na formação dos conceitos e práticas. Ele argumenta que o sentido atribuído ao corpo e suas representações são moldados por contextos de poder e dominação.

Para tanto, a educação que perpetua a objetificação do corpo pode refletir e reforçar estruturas de opressão existentes, ao reproduzir normas que privilegiam certos corpos e marginalizam outros. A prática educacional deve, portanto, ser examinada à luz de seu papel na manutenção dessas estruturas e deve buscar a transformação social para combater a opressão.

Bittencourt e Bassalo (2021), em seus estudos abordam a formação em Educação Física e os desafios que os docentes enfrentam constantemente, mecanismos de controle que visam estabelecer normas sociais e padrões de atuação que definem quais corpos são considerados adequados e quais são desviantes. Esses mecanismos de regulação de poder afetam não apenas os professores e professoras, mas também têm impacto sobre os

estudantes e suas interações com outros corpos ao longo de sua formação e após a graduação.

Ainda as autoras em seu estudo sobre o corpo na Educação Física, pode ser observado que os estudantes tendem a ter uma compreensão divergente dos conceitos de corpo na Educação Física, revelando uma falta de coerência e contradição na maneira como o corpo é abordado e tratado durante a formação. Além disso, foi possível observar que, na maioria das disciplinas, o corpo é frequentemente abordado apenas sob a perspectiva biológica, negligenciando suas múltiplas dimensões, incluindo seu aspecto histórico, temporal e as relações de poder que o influenciam (Bittencourt e Bassalo, 2021)

A discussão sobre a educação, a objetificação do corpo e a perpetuação da opressão revela a necessidade de uma abordagem mais crítica e inclusiva na formação educacional. A perspectiva de Maurice Merleau-Ponty nos traz a importância de considerar o corpo como um sujeito experiencial e integrado, enquanto a visão de Dussel destaca a necessidade de entender e desafiar as estruturas sociais que perpetuam a opressão. Ao integrar essas perspectivas, a educação pode se tornar um instrumento para a transformação social, promovendo uma compreensão mais rica e igualitária do corpo e das práticas que o cercam.

A formação em Educação Física deve, portanto, adotar uma abordagem que considere tanto as influências contextuais quanto a experiência vivida do corpo, promovendo uma prática pedagógica que valorize a integração entre corpo, mente e ambiente social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a ontologia possui raízes na Antiguidade grega, na *Paidéia* e se estendem pelo contemporâneo. No entanto, carecem reformulações, pois a alma não pode ser entendida de forma isolada do corpo, pois é através do corpo que experienciamos o mundo e nos relacionamos com os outros. Da mesma forma, o corpo não é apenas um receptáculo para a alma, é inseparável dela, uma vez que é através das experiências corporais que a alma se manifesta e desenvolve. Assim, faz-se necessário uma abordagem mais integrada da pessoa humana, que reconheça a importância do aspecto físico e espiritual, levando em consideração as dimensões corporais, sociais, políticas e históricas

da existência humana, enfatizando a necessidade de reconhecer e valorizar a “corporeidade humana” como parte essencial da experiência humana, e de promover uma transformação social que leve em consideração as necessidades e aspirações do “corpo próprio” como um todo.

A educação superior, especialmente nos campos relacionados ao corpo e à saúde, desempenha um papel crucial na formação da percepção social do corpo humano. Ao adotar uma abordagem que valorize a complexidade e a subjetividade do “corpo próprio”, podemos não apenas enriquecer o ensino e a aprendizagem, mas também promover uma sociedade mais inclusiva e justa. É essencial desafiar e reimaginar os paradigmas educacionais atuais para que possamos verdadeiramente reconhecer e respeitar a diversidade de experiências corporais e humanas.

AGRADECIMENTOS

A Universidade São Francisco pela concessão da Bolsa BDC e apoio contínuo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & sociedade**, v. 23, p. 24-34, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum - BNCC, Brasília, DF, 2018. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 10 de agosto de 2024.

BITTENCOURT, D. R.; BASSALO, L. de M. B. O corpo é voz, mas na Educação Física não: compreensões sobre corpo na formação docente. **Educação & Formação**, v. 6, n. 2, 2021.

DUSSEL, E. *Filosofia da Libertação*. Trad. Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola/Unimep, 1980.

FENSTERSEIFER, P. E. Corpo e modernidade. **Espaço Plural**, v. 10, n. 20, p. 141-148, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. 4ª ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF **Martins Fontes**, 2011.

PAIVA, W. S. de C. et al. O fenômeno corpo/corporeidade no discurso dos concluintes de cursos de licenciatura em Educação Física no Triângulo Mineiro. 2019.

ROCHA, A. C.; BARREIRA, T. C. O dualismo mente-corpo em Descartes e suas implicações no debate científico contemporâneo: The mind-body dualism in Descartes and its implications in the contemporary scientific debate. **Revista Coletânea**, v. 21, n. 42, 2022.

ROMÃO, F. P. et al. O papel do corpo na emergência da mente (consciente): o problema da percepção-ação na exploração do ambiente a partir das perspectivas ecológicas e teorias enativistas. 2021.

TURATO, E. R. (2005). Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. *Revista de Saúde Pública*, 39, 1-9.